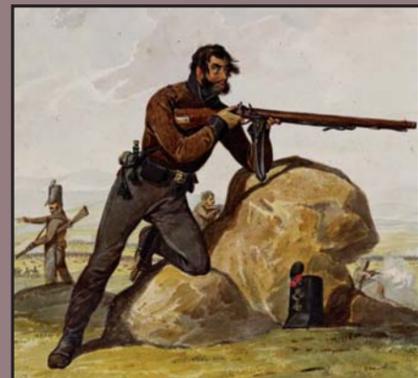


A forças à disposição de lorde Wellington quase duplicavam as do seu inimigo, o marechal Soult. Portanto, a única oportunidade deste era impedir o atravessamento do Douro. Para isso requisitou todas as barcas e segurou as margens mas, ajudados pelos habitantes locais, os britânicos conseguiram atravessar e criar uma testa de ponte no Seminário. Quando os franceses descobriram era demasiado tarde e, apesar das repetidas tentativas, não conseguiram desalojá-los. A sua única opção era a retirada.



Caçador o infante ligeiro português.



Husardo francês.

O seu caminho para Espanha, bloqueado o mais direto por Amarante, foi atravessando o acidentado terreno do norte de Portugal. Abandonaram carroças e destruíram canhões para evitar que caíssem em mãos aliadas e saíram do país desmoralizados e humilhados. Portugal era livre mais uma vez.

Marechal Soult na Batalha do Porto.



Napoctep

www.napoctep.eu

f t

Rotas napoleónicas entre Espanha e Portugal

O objectivo do Projecto Napoctep é a criação de um conjunto de roteiros turísticos associados à presença de tropas napoleónicas em Castilla y León e no Centro de Portugal. Os percursos elaborados são os seguintes:

Rota 1ª Invasão de Portugal.



Rota 2ª Invasão de Portugal.



Rota 3ª Invasão de Portugal.



Rota de Wellington.



Rota de cercos e grandes batalhas.



Rota de Napoleão e a Corrida dos Ingleses.



Rota dos Guerrilheiros: Julián Sánchez el Charro e el Empecinado.

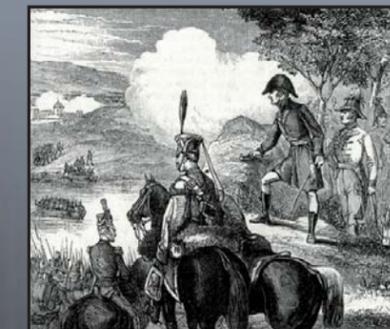


0700_NAPOCTEP_3_P é um Projeto cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional FEDER no âmbito do programa Interreg V A Espanha - Portugal (POCTEP) 2014-2020.

DL VA 993-2021



Em janeiro de 1809 os britânicos tinham sido expulsos da Península, deixando livre grande quantidade de tropas francesas na Galiza. Napoleão ordenou então a reconquista de Portugal a partir do norte com movimentos de apoio a partir de Salamanca e da Extremadura.



Wellington a supervisar o atravessamento do Douro.

O marechal Soult, responsável máximo da operação, atravessou o rio Minho em Orense, derrotou o Exército português em Braga e às portas do Porto e entrou na cidade a 28 de março. Uma vez tomado o primeiro objetivo, destacou um contingente de tropas para se juntar às que deveriam chegar de Salamanca, mas foram detidos em Amarante.

Pouco depois, o exército inglês regressava a Portugal e iniciava um rápido avanço para o Porto, tentando apanhar de surpresa as diversas forças francesas que pretendiam submeter a região. O rio Douro forma um formidável obstáculo à sua passagem pela cidade, pelo que o ataque de Wellington e dos seus homens não ia ser fácil.

Artilharia francesa sob ataque.



Rota 2ª Invasão de Portugal

de Chaves a Almeida

Francisco da Silveira, conde de Amarante.



Iniciamos a nossa viagem em Chaves colocando-nos no lugar do marechal Soult e dos seus homens ao entrarem em Portugal. Por Amarante e Braga chegaremos ao Porto, onde teve lugar o clímax e ponto de inflexão da invasão.

A partir dali, repetiremos o trajeto das forças aliadas no sentido inverso, ou seja, de norte para sul, até ao lugar onde se organizaram as forças aliadas para enfrentar a ameaça francesa: Coimbra.

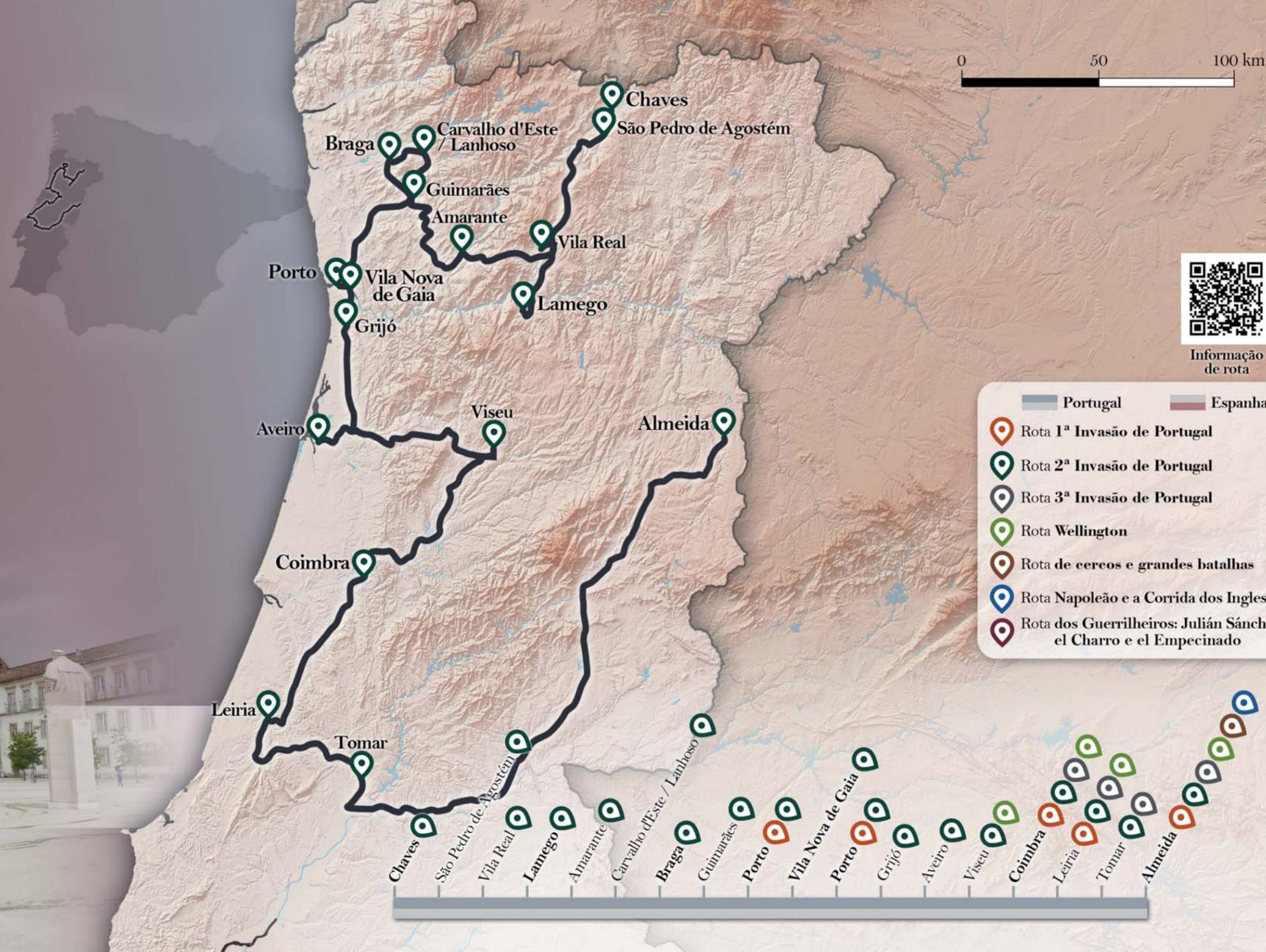
Leiria, Tomar e Almeida são os pontos finais da rota, pois neles tiveram lugar ocorrências relacionadas com a mesma.



Santuário do Bom Jesus em Braga.



Universidade de Coimbra.



A escadaria do Bom Jesus do Monte em Braga, o castelo de Guimarães, a ponte de Trajano em Chaves, o rio Douro na sua passagem pelo Porto, os canais de Aveiro, a catedral de Viseu, a sede antiga da Universidade de Coimbra, o convento de Cristo em Tomar, a fortaleza de Almeida. Um sem fim de maravilhas que nos esperam na Rota 1ª Invasão de Portugal.



Castelo de Guimarães.



Mosteiro de São Gonçalo em Amarante.

Rio Douro na sua passagem pelo Porto.

